



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Gabinete da Deputada **Célia Xakriabá** (PSOL/MG)

COMISSÃO DE CULTURA

PROJETO DE LEI Nº 4.345, DE 2024

Reconhece a obra do artista indígena Jaider Esbell como manifestação da cultura nacional.

Autor: Deputado DUDA RAMOS

Relatora: Deputada CÉLIA XAKRIABÁ

I - RELATÓRIO

Trata o Projeto de Lei Nº 4.345, de 2024, de reconhecer a obra do artista indígena Jaider Esbell como manifestação da cultura nacional.

A proposição foi distribuída às Comissões de Cultura e de Constituição e Justiça e de Cidadania (Art. 54, RICD), está sujeita à apreciação conclusiva pelas Comissões (Art. 24, II do Regimento Interno da Câmara dos Deputados) tramita sob rito ordinário (Art. 151, III do RICD).

O PL foi apresentado pelo Deputado Duda Ramos em 2/11/2024 e, em 21/02/2025, distribuído às Comissões que deliberam sobre a proposição.

Recepcionado na Comissão de Cultura em 26/02/2025, fui designada Relatora em 22/04/2025.

O projeto não possui apensos e não recebeu emendas no prazo aberto para esta finalidade.

É o Relatório.



II – VOTO DA RELATORA

A Justificação do Autor do projeto oferece-nos os belos traços de um quadro biográfico de Jaider Esbell, pertence à etnia macuxi, no município roraimense de Normandia. Então, artista macuxi, roraimense, brasileiro, nesta precisa ordem, porque sua identidade primeira é a de pertencimento à sua etnia e sua visão de mundo.

Jaider nasceu em 1979 e viveu até os 18 anos onde hoje é a Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Morreu aos 42 anos em São Paulo, deixando como marca a defesa da emancipação da arte indígena.

A obra de Jaider Esbell precisa ser reconhecida não só por sua beleza estética, mas por seu poder de reencantamento do mundo. Jaider foi artista, curador, pensador, escritor, um benzedor de telas, um descolonizador dos sentidos. Ele fez da arte um caminho de volta à terra, uma forma de ensinar o Brasil a se ver para além da sua história colonial.

Em 2021, sua instalação na 34ª Bienal de São Paulo, com serpentes encantadas flutuando no Lago do Ibirapuera, foi um lembrete de que a arte pode provocar, ensinar e conectar mundos. E, também, uma crítica ao apagamento dos saberes indígenas na construção da cultura nacional.

No mesmo ano, foi curador da exposição Moquéem_Surarî, no MAM, onde reuniu artistas indígenas em torno de um projeto que era também político, educativo e espiritual. Sua galeria foi um terreiro onde a arte se encontrava com a ancestralidade, com a comunidade e com o futuro ancestral.

Também, com respeito à ancestralidade e com ferramentas pedagógicas, Jaider Esbell, denunciou situações de extrema violência como a grilagem, a pecuária extensiva, o tráfico de drogas, a violência no campo, entre outras tensões em terras amazônicas.

Jaider sabia que arte indígena não é folclore, é filosofia viva. E como escrevi em Amansar o giz, “fazer arte é curar os vazios da história”.¹ Jaider

¹ XAKRIABÁ, Célia. *Amansar o giz*. Piseagrama, 2021. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/amansar-o-giz/>. Acesso em: 22 maio 2025.



nos curava do racismo da ausência. Sua obra nos devolve os sons, as cores e os encantamentos que tentaram apagar com tinta branca. Ele pintou para inscrever os nossos no lugar de fala e de forma. Seu ateliê, a Galeria de Arte Indígena Contemporânea, reuniu artesãos, lideranças, comunidades e a sociedade em geral em torno da arte. Local de portas abertas, acolhedor, por isso mesmo centro de circulação de outros tantos artistas, artesãos e lideranças.

Se a memória nativa é aquela que guardamos dos nossos pais, avós, bisavós e que trazemos ancestralmente, a memória ativa consiste também naquelas memórias que reativamos em matrizes do passado, mas que estão presentes e ativas ainda hoje, sendo dinâmicas e marcadas por processos de ressignificação que definirão a nossa relação com as memórias do corpo-território no futuro.² Jaider sintetizou seu pensamento com uma série de referências, inclusive de seu avô Makunaímî e categorizou diversas ilustrações como “visões escorridas das histórias que recolheu”³.

Ao aprovar este projeto, o Estado brasileiro reconhece não apenas um artista, mas uma epistemologia indígena. Uma forma de ver e viver o mundo que há muito tempo nos diz que arte e cultura não se separam de território, espiritualidade e resistência.

Por tudo que significa a produção de Jaider Esbell e por meio dela a expressão da grande arte indígena contemporânea produzida no Brasil, apontamos pela aprovação do Projeto de Lei nº 4.345, de 2024.

Sala da Comissão, em de de 2025.

Deputada CÉLIA XAKRIABÁ
Relatora

²XAKRIABÁ, Célia. Amansar o giz. Piseagrama, 2021. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/amansar-o-giz/>. Acesso em: 22 maio 2025.

³AMAZÔNIA REAL. Morte de Jaider Esbell choca movimento indígena e artístico brasileiro. 5 nov. 2021. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/morte-de-jaider-esbell/>. Acesso em: 22 maio 2025.

